

ANJ

 ASSOCIAÇÃO
 NACIONAL DE JORNALIS

IVZ

 INSTITUTO VERIFICADOR
 DE JORNALIS

 SISTEMA ATRIBUNA
 DE COMUNICAÇÃO


121 ANOS

ATRIBUNA

 FUNDADA EM 26 DE MARÇO DE 1894
 M. Nascimento Jr. (1909-1959)
 Giusfredo Santini (1959-1990)
 Roberto Mário Santini (1990-2007)

MARCOS CLEMENTE SANTINI
 Diretor-Presidente

ROBERTO CLEMENTE SANTINI
 Diretor-Vice-Presidente

RENATA SANTINI CYPRIANO
 Diretora de Marketing

FLAVIA CLEMENTE SANTINI
 Diretora de Circulação

PAULO NAEF
 Diretor-Superintendente

ARMINDA AUGUSTO
 Editora-Chefe

MÁRCIO DELFIM LEITE SOARES
 Gerente Comercial e Marketing

MARCO ANTONIO DA COSTA
 Gerente Industrial

Grandes obras da região são adiadas

Grandes e importantes obras viárias foram anunciadas em 2014 para a Baixada Santista: o túnel submerso ligando Santos a Guarujá, o túnel ligando as zonas Leste e Noroeste de Santos, o teleférico nos morros de Santos. É desnecessário repetir a importância e a relevância delas para a mobilidade urbana na região, trazendo redução no tempo dos deslocamentos, maior conforto e qualidade de vida à população, além dos ganhos para as atividades econômicas que são desenvolvidas.

Do anúncio à concretização, porém, há distância considerável. O fato é que apenas a primeira etapa do VLT – Veículo Leve sobre Trilhos, com 9,5 km, ligando a estação Barreiros, em São Vicente, à estação Conselheiro Nébias, em Santos, está efetivamente sendo realizada. A conclusão das obras, anunciada inicialmente pelo governo do Estado para janeiro de 2015, deverá sofrer atrasos, tendo em vista o atual estágio dos serviços em Santos.

O VLT é obra fundamental para um novo modelo de transporte coletivo na região. No entanto, para que cumpra seus objetivos, precisa avançar: além deste primeiro trecho, a continuidade do projeto deve acontecer, especialmente quanto à ligação com o Centro de Santos, a partir da estação Conselheiro Nébias, cujo início de obras não tem qualquer previsão ainda.

A Prefeitura de Santos anunciou recentemente que o teleférico nos morros da idade, que terá capacidade para transportar 18.000 pessoas

por dia, somente sairá do papel no final de 2016, com previsão de entrega após dois anos, em 2018. Embora a Prefeitura reafirme a obra, com as providências necessárias para sua viabilização, o longo tempo à frente para seu início torna incerta sua concretização, tendo em vista os riscos e problemas que poderão surgir, notadamente quanto ao financiamento do projeto.

E outra notícia preocupante foi divulgada nesta semana: a construção do túnel submerso Santos-Guarujá teve seu início adiado para janeiro de 2015, além de seu custo ter sido elevado em 28%, o que representa um dispêndio adicional de R\$ 688 milhões. O financiamento que seria obtido junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) não saiu, obrigando o governo estadual a buscar alternativas para o custeio da obra. A solução encontrada foi buscar os recursos junto ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o que exige a aprovação da Assembleia Legislativa, à qual foi enviado projeto de lei que precisa ser apreciado pelos deputados estaduais.

É importante, portanto, que a tramitação deste projeto aconteça rapidamente, para que, de fato, o financiamento a ser obtido junto ao BNDES (e que representará 72,6% do custo total) seja viabilizado. A região precisa ficar atenta a todos os acontecimentos e pressionar para que as obras não sejam adiadas mais uma vez.

Poluição no Brasil

O Brasil mais que dobrou a emissão de gases de efeito estufa para produzir a mesma quantidade de energia nos últimos dois anos. A causa principal foi o acionamento de usinas termelétricas para suprir a demanda de energia elétrica, em função das chuvas pouco intensas que provocaram problemas nas hidrelétricas. Comparando a média mensal do período janeiro-julho de 2014 com igual período de 2012, constata-se que houve crescimento de 182% nas emissões de CO₂ na produção de um megawatt-hora. Dois anos antes, entre 2010 e 2012, a emissão total do gás carbônico da economia brasileira havia caído 3,5%.

Com a baixa nos reservatórios das hidrelétricas, a solução foi utilizar as termelétricas para manter (e ampliar) a crescente demanda por energia. O problema é que esses equipamentos utilizam combustíveis fósseis – gás natural, óleos derivados de petróleo e carvão. Isso provocou a mudança da matriz energética brasileira. A média mensal do acumulado entre janeiro e julho de 2012 mostra que a geração por hidrelétricas era responsável por 89% da energia produzida, enquanto as térmicas respondiam por 7,3%. Dois anos depois, estas triplicaram sua participação, passando a 21,7%, enquanto as hidrelétricas caíram para 74,6%.

O esforço nacional para reduzir as emissões de gases de efeito estufa, que vinha obtendo bons resultados desde 2005, com recuos anuais constantes, foi comprometido. Embora o

desmatamento tenha caído bastante, fazendo com que as emissões causadas por ele tenham caído à metade entre 2005 e 2012, chegando a 32% do total, a energia ampliou a presença como fator poluente de 14% para 29%.

O planeta enfrenta um grande desafio no século 21, que é o da necessária descarbonização da economia. A concentração de CO₂ na atmosfera já ultrapassou, em 2013, o limite de 400 ppm, bem acima do nível ideal fixado por cientistas (350 ppm), e a principal consequência é o aumento da temperatura, que poderá chegar a 6º em 2100, com catástrofes ambientais generalizadas.

A busca por uma economia verde, que resulte em igualdade social, melhoria do bem-estar da humanidade, e reduza significativamente os riscos ambientais e a escassez ecológica, é um imperativo. Hoje, 90% da energia utilizada mundialmente são geradas por combustíveis fósseis, que respondem por 60% das emissões globais de CO₂. É preciso, portanto, encarar o desafio de mudar essa matriz.

Analistas afirmam que o Brasil vai conseguir cumprir a meta de reduzir as emissões até 2020. Mas isso se dará em função da queda do desmatamento e da redução do crescimento da economia. Mas agricultura, energia e indústria continuam com tendência crescente em suas emissões, e o fato, preocupante, é que o País não está se preparando para a profunda redução de carbono que deverá fazer a médio e longo prazo.

Do leitor

As cartas enviadas à Tribuna do Leitor devem conter nome, endereço, telefone e RG. O tamanho dos textos não pode ultrapassar 900 toques, incluindo os espaços. As cartas que não obedecerem esta orientação serão desconsideradas, bem como e-mails anexados.

E-MAIL
 leitor@atribuna.com.br

ATENDIMENTO AO LEITOR
 Telefone: 0800-727 7710

REDAÇÃO
 Rua João Pessoa 129, 3º andar, Centro Santos,
 São Paulo. CEP 11013-900

Coronel Barreto

Conhecemos o então capitão Barreto logo depois da fundação do Círculo de Amigos dos Patrulheiros de Santos, quando entusiasmado ajudou na busca de caminhos para retirar das ruas meninos de baixa renda. Sua vida profissional durante anos dividiu-se entre a arte de ser professor no Colégio Santista e o Colégio Independência ensinando aos jovens Educação Física e a atividade que tanto se dedicou nos quartéis por onde um Comando Maior o mandava: ser policial militar e bombeiro. Com a altivez dos que “combateram o bom combate”, frisava que as vicissitudes jamais arranharam sua condição de militar e que, em seu coração era, “antes de tudo”, um autêntico bombeiro! Filho, irmão, pai e avô admirável. Amigo de seus amigos, sempre tinha uma palavra adequada, de conforto ou de orientação, nas horas difíceis a quem o procurava. A Polícia Militar do Estado de São Paulo perde um soldado que a dignificou. Deus o tenha em sua glória.

ALZIRA ESTEVES AYRES G. DE MATTOS E JOÃO CARLOS GOMES DE MATTOS - SANTOS

Plantio de árvores

Há algum tempo foram plantadas árvores em Santos. Em muitos locais os arbustos estão em franco desenvolvimento, mas em outros o que se vê são galhos secos, sem qualquer vida. Como exemplo, a Avenida Pinheiro Machado. Em vias paralelas ou perpendiculares também se pode notar algumas sem qualquer vida. Dentre esses locais, Rua Antonio Bento de

Amorim, esquina com a Rua Ana Nery, no Marapé, onde houve replantio por duas vezes, sem qualquer sucesso. Fica a dúvida, ou o arbusto ou a terra do canteiro são de péssima qualidade. As que foram plantadas naquela via se desenvolvem a olhos vistos mas no local apontado não se vê qualquer progresso. Por que a secretaria responsável pela área não verifica o que ocorre nesses canteiros, eliminando essa visão horrenda de arbustos mortos?

BENTON MARRYONE - SANTOS

Código de Posturas



Volto a reclamar da estranha logística da CET-Santos, que contraria sua própria justificativa enviada em 02 de junho, e não aceita por esta reclamante, sobre permissão e suporte que fornece a construtoras para transporte de grandes máquinas entre o horário de 20 e 22 horas, em virtude de que tais máquinas não são deixadas na rua e nem levitam até o terreno da obra, e sim, ou são transportadas para dentro do terreno por cami-

nhões-guindastes ou por motores (barulhentos) próprios. No caso, dia 20 de agosto, a CET deu tal suporte a uma máquina de uma construtora, após as 22 horas, em obra na Avenida Presidente Wilson, no José Menino, em flagrante desacordo com o Código de Posturas do Município sobre barulho de máquinas em obra, que é permitido somente até às 18 horas, bem como sua própria justificativa anterior. Reitero que tais movimentações de máquinas em horário fora do permitido, além de serem ilegalmente autorizadas (prevaricação-art.319 Cod. Penal), causam transtornos e perturbação de sossego a quem é vizinho de tais obras e que deseja descansar após um dia de trabalho.

MARGARETH BURAD VIEIRA - SANTOS

São Vicente

Onde estão os vereadores e prefeito de São Vicente? A cidade está visivelmente desleixada, totalmente sem administração. Todas as principais vias estão com vários buracos e desníveis. Não há reposição do asfalto e nem conservação das várias ruas em pedras hexagonais. O único trabalho observado é o de repintura do solo, onde está sendo feito em pontos estratégicos. Em alguns lugares, essas repinturas ocorrem em vias que necessitam de reparos em seu leito carroçável. Provavelmente, o chefe do executivo e os membros eleitos da Câmara estão empenhados nas eleições que ocorrerão nesse ano e nos valores a serem cobrados para o IPTU do próximo ano.

FÁBIO F. DA SILVA - SÃO VICENTE

Tribuna Livre

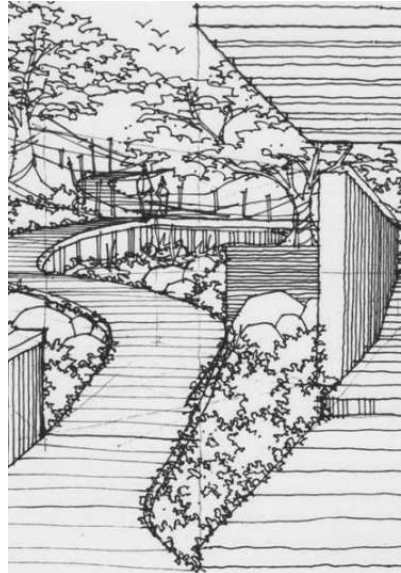
ALCINDO GONÇALVES. Engenheiro, cientista político, professor do Programa de Pós-Graduação em Direito - Mestrado e Doutorado - da UniSantos e coordenador-geral do IPAT

Casas com jardins e quintais

Os números não deixam margem a dúvidas. Segundo o Estudo de Mercado Imobiliário da Baixada Santista, que aborda os lançamentos e vendas do mercado imobiliário em Santos, São Vicente, Guarujá e Praia Grande, foram lançados na região, nos últimos três anos, 18.610 moradias. É uma quantidade expressiva, mas que contém um dado impressionante: 99,5% do total, ou seja, 18.524 unidades, são apartamentos, predominando os de menor tamanho (1 e 2 dormitórios), e apenas 86 casas.

Vejam bem: 86 casas. O velho modelo dos bangalôs ou sobrados está praticamente extinto. As explicações são óbvias: os terrenos são cada vez mais escassos e, portanto, caros; as famílias encolheram de tamanho, predominando hoje pessoas que vivem sozinhas ou casais com um ou dois filhos; a manutenção de uma casa, com todos os serviços necessários, é dispendiosa e acima do orçamento da maioria; os problemas de segurança ameaçam as residências, alvo mais fácil para furtos e roubos.

Foi-se o tempo em que as pessoas sonhavam com uma casa com um belo jardim à frente e um grande quintal nos fundos, repleto de árvores. Lembro-me ainda de uma cidade em que predominavam as residências, sem as torres de apartamentos. Morei primeiramente, é verdade, em um apartamento de três andares (uma marca registrada de Santos, diga-se de passagem), na Praça Washington, bem em frente



ao Orquidário, mas mudei-me, com cinco anos, para um sobrado na Rua Castro Alves, no Embaré.

Naquela época, e durante muito tempo, ressalte-se, essa rua era quase exclusivamente composta por belas casas. Muitas delas resistiram bravamente por várias décadas, até finalmente sucumbirem à pressão inexorável da nova realidade, que fez com que vários prédios de apartamentos fossem edificadas, em ritmo crescente nos últimos anos. A casa em que eu morei ainda existe, e foi recentemente negociada. Confesso que não resisti quando vi a placa anunciando a venda: lá fui eu fingindo interesse na compra, e, mais de 50 anos após tê-la deixado, reviver seus espaços, vãos e mistérios, alguns deles conservados, apesar de

reformas que foram feitas.

Minha grande frustração foi descobrir que o grande quintal dos fundos, onde eu jogava bola solitário, e no qual havia um frondoso limoeiro e uma velha casa de cachorros, havia desaparecido e sido incorporado ao imóvel dos fundos. Restava apenas uma pequena área, totalmente coberta, de gosto muito duvidoso.

Quando eu tinha 15 anos, minha família mudou-se para um apartamento, e foi uma decisão comemorada por todos. Afinal, estávamos no rumo da modernidade e do conforto, livres dos grandes espaços inúteis, que só traziam trabalho para minha mãe e muitos gastos. Confesso que tive uma recaída quando meus dois filhos eram pequenos: ousamos deixar o nosso apartamento e alugar uma casa no Canal 7, onde vivemos dois anos. Era a tentativa de dar às crianças as oportunidades de brincar livremente. Mas durou pouco: logo voltamos e desde então vivo em condomínios verticais.

O mundo e a vida evoluem e se transformam. As coisas, felizmente, não param e seguem o seu ritmo. Ninguém pode viver no passado, e as velhas casas, floridas e cheias de verde, são apenas uma lembrança. Hoje os sonhos convergem para varandas gourmet e áreas de lazer completas, e para o conforto e praticidade dos espaços planejados dos modernos apartamentos. Mas será mesmo que vivermos melhor?